



## Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola

Diana Luz Pessoa de Barros\*

**Resumo:** Tratamos, neste artigo, do papel dos estudos linguísticos e discursivos, e, em particular, da semiótica discursiva, no ensino-aprendizagem na escola. Mostramos, de forma muito resumida, alguns dos conhecimentos que esses estudos já produziram, e continuam a fazê-lo, sobre a intolerância na e da linguagem, sobre a construção de discursos de aceitação e inclusão social, contrários aos preconceituosos e intolerantes, e, principalmente, sobre a verdade e a mentira dos textos, sobretudo na internet, e, a partir daí, apontamos alguns rumos para o ensino-aprendizagem na escola em relação a essas questões. A razão disso é que, para que haja realmente aceitação social das diferenças, para que a mudança social e discursiva proposta tenha grande alcance, para que as crianças e os jovens aprendam a ler textos da internet e a desmascarar a mentira que fundamenta muitos deles, é necessário que esses saberes levem realmente a repensar o ensino-aprendizagem, pois, sem a escola, as mudanças discursivas e sociais esperadas não acontecem ou não têm a penetração desejada.

**Palavras-chave:** estudos linguísticos e discursivos; Semiótica discursiva; ensino-aprendizagem na escola; discursos intolerantes e preconceituosos; discursos mentirosos e falsos; leitura de textos na internet.

### 1 Intolerância, preconceito e escola

Temos procurado mostrar, em nossas pesquisas sobre os discursos intolerantes e preconceituosos, a necessidade do conhecimento sobre a intolerância na e da linguagem para que sejam abertos e percorridos alguns caminhos que levem à aceitação social da diferença e à inclusão do diferente. Insistimos também em que cabe ao estudioso do discurso produzir, para a escola, conhecimento linguístico e discursivo sobre a intolerância e sobre a construção de discursos contrários aos preconceituosos e intolerantes; à escola cabe, por sua vez, fazer uso dessas contribuições, repensando o ensino, em especial, de língua e de

---

.DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.165195.

\* Professora Titular e Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. Bolsista produtividade (Pesquisador 1A) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Endereço para correspondência: [dianaluz@usp.br](mailto:dianaluz@usp.br) ; [dianaluz@mackenzie.br](mailto:dianaluz@mackenzie.br) . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5182-6767> .

literatura, para que a mudança social e discursiva ocorra e tenha grande penetração.

Em nossas pesquisas sobre a intolerância (Barros, 1995, 2004, 2008a, 2008b, 2011, 2012, 2013, 2016a, 2016c), apresentamos uma proposta teórica e metodológica, fundamentada na Semiótica discursiva francesa, para o exame dos discursos intolerantes de diferentes tipos – racista, fascista, separatista, sexista, purista – e em gêneros diversos – político, publicitário e outros –, buscando, com isso, contribuir, na perspectiva dos estudos do discurso, com o exame da intolerância, que tem sido estudada nos mais diversos campos do conhecimento. Dessa forma, pudemos apontar os principais procedimentos e estratégias usados nesses enunciados – a organização narrativa dos discursos intolerantes como discursos de sanção; seu caráter fortemente passional, com ênfase nas paixões do medo e do ódio; os percursos temáticos e figurativos da diferença (em que o diferente é animalizado e considerado “anormal”, doente de corpo e de mente, sem estética e sem ética); sua organização tensiva no regime da triagem e não no da mistura (Fontanille; Zilberberg, 2001 [1988], Zilberberg, 2004, 2006, 2007).

Os discursos intolerantes, portanto, consideram o “diferente” como aquele que rompe pactos e acordos sociais, que profana o grupo em que está “misturado”, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente, feio e imoral, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido com a triagem por exclusão. Por sua vez, para a aceitação social das diferenças, é preciso que os discursos sejam elaborados com narrativas, paixões, temas, figuras e tensões contrários aos dos discursos intolerantes: os contratos narrativos devem ser os de multilinguismo, de mestiçagem, de diversidade sexual, de pluralidade religiosa; as paixões benevolentes sentidas pelos “iguais” precisam ser estendidas aos diferentes e substituir o ódio e o medo do “outro”, que só assim deixará de ser visto como não-humano ou animalizado, antinatural e anormal, doente, sem ética e sem estética; a inclusão do diferente, deve ser, por conseguinte, considerada como uma mistura enriquecedora, como uma melhoria social.

Retomando o que foi dito na introdução deste item, duas justificativas principais, entre muitas outras, explicam o interesse em estudar as relações entre intolerância, preconceito e escola: os conhecimentos linguístico e discursivo sobre a intolerância e sobre a necessidade de construção de discursos contrários aos preconceituosos e intolerantes são imprescindíveis para que possam ser apontados alguns rumos para o ensino-aprendizagem; além disso, ou principalmente, se os estudos da linguagem já têm contribuído para que o caminho se faça, é necessário, para que haja realmente aceitação social das diferenças, para que a mudança social e discursiva proposta tenha grande alcance, que essas contribuições levem a repensar o ensino na escola. As relações entre intolerância, preconceito e escola têm, assim, mão dupla, pois, se o conhecimento sobre os discursos intolerantes ajuda a repensar o ensino, sem a escola as mudanças discursivas e sociais propostas não acontecem ou não têm a penetração desejada.

Além disso, a atualidade e, principalmente, a necessidade de pesquisas para a produção de saberes sobre a relação entre a intolerância, o ensino e a escola são facilmente justificadas nos tempos atuais nos mais diversos meios sociais. Os discursos intolerantes no futebol são, entre outros, bons exemplos.

Para tratar dessas relações, quatro direções foram empreendidas nos estudos anteriores mencionados (Barros, 2016c):

- a) a da discussão do preconceito e da intolerância em relação aos usos da linguagem, à variedade linguística empregada, às diferentes línguas, aos analfabetos e iletrados;
- b) a do exame dos discursos intolerantes que perpassam o material de ensino de língua e de literatura, aí incluídos os dicionários e as gramáticas;
- c) a do debate sobre o lugar e o papel do professor, como sujeito do saber, na construção de discursos de aceitação e inserção social e no de desqualificação e apagamento dos discursos intolerantes e preconceituosos;
- d) a da determinação explícita do papel da escola na construção dos discursos de inserção social.

A esses caminhos, acrescentamos agora uma quinta direção:

- e) a do ensino-aprendizagem da leitura dos textos na internet e a do desvelamento da mentira que fundamenta muitos deles.

Quanto ao preconceito e à intolerância em relação aos usos da linguagem, à variedade linguística empregada, às diferentes línguas, aos analfabetos e iletrados (item a), a proposta é que, com os estudos do discurso e da sociolinguística, entre outros, a escola, em lugar de excluir ou segregar determinados usos linguísticos, aceite e respeite as diferenças, produza diversidade, estabelecendo, entre outros, contratos de pluri ou multilinguismo. O respeito e a aceitação dos usos linguísticos ou das línguas do outro são imprescindíveis, por um lado, para que se criem nas crianças e nos jovens os valores de igualdade e de aceitação e respeito do diferente, no caso “linguístico”, e, por outro lado, para que eles reconheçam a importância e as vantagens para a sociedade da convivência, em pé de igualdade, de diferentes usos linguísticos e línguas.

O caminho seguinte (item b) é o do exame dos discursos intolerantes que perpassam o material de ensino de língua e de literatura, aí incluídos os dicionários e as gramáticas, como, por exemplo, fez Izidoro Blikstein (1992, 2002) em estudos sobre o racismo na gramática comparada das línguas indo-europeias, sobretudo no século XIX. Os neogramáticos alemães desenvolveram, segundo o autor, as noções de arianismo e de prevalência de línguas, culturas e raças sobre outras, que formaram a base teórica do nazismo. Ou, ainda, como fizemos nós em pesquisa sobre a questão do preconceito e da intolerância nas gramáticas do português do século XVI à atualidade (Barros, 2008c).

É também fundamental o debate sobre o lugar e o papel do professor na construção de discursos de aceitação e inserção social e na desqualificação e apagamento dos discursos intolerantes (item c), pois o professor é, por definição de seu papel temático, sujeito do saber, em cujos conhecimentos se pode e deve confiar e, além disso, ele é instalado pela administração escolar como sujeito do poder, ao menos em relação aos alunos, mas, muitas vezes, também em relação à sociedade de que faz parte. Dessa forma, seu discurso na escola é interpretado como verdadeiro e, se esse discurso manifestar preconceitos ou se o professor não assumir posição contra eles, esses preconceitos serão justificados pelo saber e pelo poder que detém e poderão desencadear ondas de ódio e de intolerância,

socialmente aprovadas e positivamente moralizadas. Os atos de violência em escolas decorrem, muitas vezes, disso.

A partir daí, é possível e necessário determinar o papel da escola na construção dos discursos de inserção social (item d), pela aceitação das diferenças, pela mudança dos acordos e estabelecimento de novos contratos sociais, ou seja, a escola precisa construir sempre, em todas as situações e níveis, discursos de aceitação das diferenças, para que ela seja um espaço de igualdade de oportunidades, um modelo a ser seguido fora dela e não o lugar da reprodução da intolerância e da desigualdade social.

Tinga, o jogador de futebol, quando foi alvo de discursos racistas, contou, em entrevista, que seu filho, depois desses acontecimentos, não queria ir à escola. Ora, o filho de Tinga deveria desejar ir à escola, como um lugar de conforto, e não temer sofrer lá mais discriminação. Cabe à escola determinar negativamente os discursos preconceituosos e intolerantes, como uma forma de levar o sujeito intolerante a sentir vergonha (ver sobre a vergonha, Harkot-de-La-Taille, 1999; Lotman, 1991; Fiorin, 1992) e não a orgulhar-se de seus preconceitos e ações discriminatórias. O ensino e a aprendizagem escolares podem e devem construir novos contratos sociais, em que o “diferente”, o “outro” não seja mais considerado como aquele que profana a sociedade, que a faz piorar, mas ao contrário, seja visto como aquele que, com a diversidade, enriquece e torna melhores as relações sociais.

Ao identificar as características narrativas e discursivas dos discursos intolerantes e mostrar que esses discursos consideram o “diferente” como aquele que rompe pactos e acordos sociais e, por isso, profana os grupos em que se inclui, nossa pesquisa sobre discursos intolerantes apontou também a direção a ser tomada para a construção de discursos de aceitação social: é preciso elaborar discursos com estratégias, temas e valores contrários aos que caracterizam os discursos intolerantes e de ódio.

## **2 Leitura e mentira na internet: o papel da escola**

Trataremos agora do quinto caminho a ser empreendido pela escola: o do ensino-aprendizagem da leitura dos textos na internet e o do desvelamento da mentira que fundamenta muitos deles. Os discursos mentirosos são, na maior parte das vezes, discursos de desqualificação de sujeitos e, dessa forma, contribuem para a disseminação do ódio e para a discriminação. Apresentaremos aqui algumas reflexões sobre como a escola deve fazer do aluno um bom leitor dos textos na internet e como isso passa, entre outras questões, por torná-lo um bom interpretante da verdade e da mentira dos discursos.

A semiótica discursiva tem tratado das questões da verdade dos discursos com os estudos da modalização (modalização pelo saber e pelo crer, modalização veridictória) (Greimas; Courtés, 2008 [1979]; Greimas, 1975 [1970], 2014 [1983]). Na veridicção, as relações modais entre o ser e o parecer, determinam os discursos como verdadeiros (que parecem e são), mentirosos (que parecem, mas não são), secretos (que não parecem, mas são) ou falsos (que não parecem e não são). O destinador do discurso escolhe um regime de veridicção e procura fazer seu destinatário interpretar o discurso segundo o contrato veridictório proposto e nele acreditar ou não. O destinatário, por sua vez, interpreta-os a partir de seus conhecimentos e crenças e da capacidade de persuasão do destinador-manipulador.

O conceito de pós-verdade, examinado em diferentes perspectivas teóricas da pós-modernidade, da globalização, da modernidade líquida de Bauman ou da tardia de Giddens, pode ser aqui recuperado e reinterpretado. Simplificadamente, no quadro da veridicção, pode-se entender a pós-verdade como resultante de interpretação baseada, sobretudo ou apenas, nas crenças e emoções do destinatário interpretante. Dessa forma, por mais absurdos que pareçam, os discursos cujos valores estiverem de acordo com as crenças e sentimentos do destinatário serão por ele considerados verdadeiros. Quando a interpretação só leva em conta as crenças e emoções do destinatário que interpreta, está preparado o solo em que germinarão os diferentes tipos de discursos baseados na mentira.

A produção e disseminação desses textos mentirosos ou falsos são estratégias de persuasão usadas pelo destinador para convencer o destinatário a neles acreditar e a agir a partir dessa crença. Para que isso aconteça, é necessário preparar o terreno, o que pode ser feito de duas formas: verificando (e isso é hoje feito por máquinas) quais são já os valores, as crenças do destinatário que o levarão a interpretar certos textos como verdadeiros e outros como falsos; ou preparando o campo para que o destinatário pouco a pouco acredite nesses valores e construa a pós-verdade almejada por ele, destinador.

As relações veridictórias modais entre o ser e o parecer, que determinam os discursos como verdadeiros, mentirosos, secretos ou falsos, e levam seus destinatários a neles acreditar ou não, têm na internet características próprias (Barros, 2015, 2016b). Se os textos de “histórias de pescador” são, por definição, interpretados como falsos, isto é, que nem parecem nem são verdadeiros, os da internet são, em geral, considerados verdadeiros, ou seja, que parecem e são verdadeiros, e, mais do que isso, que eles são discursos que desmascaram a mentira ou revelam o segredo. Essa interpretação decorre das duas principais características do discurso na internet: a do efeito de sentido de grande quantidade de saber armazenado pela internet (“que sabe tudo”, que é extensa, como a escrita), pois, com isso, o destinador é colocado, pelo destinatário interpretante, na posição de sujeito do saber; a do efeito de sentido de interatividade intensa (como na fala), devido à qual o destinatário se considera, em boa parte, também como “autor-destinador” do discurso e nele acredita, pois é “seu”.

Para fazer dos alunos bons leitores dos textos na internet, a escola precisa, em primeiro lugar, mostrar-lhes as especificidades veridictórias desses textos, que promovem interpretações marcadamente emocionais e sensoriais. Como essa forma de interpretação é também a principal estratégia de persuasão usada pelo destinador dos textos mentirosos e neles acentuada, a escola deve, em seguida, ensinar os alunos a equilibrar a interpretação sensorial e emocional proposta pelo destinador com uma interpretação mais racional. Essa interpretação mais “racional” só pode estar fundamentada no exame da “exterioridade” discursiva, tal como a semiótica a concebe (Barros, 2009).

A semiótica discursiva não trata a “exterioridade” discursiva como “exterioridade”, ou seja, como algo exterior ao texto ou ao discurso, mas não deixa de examinar, sob outro prisma e com outros nomes, aquilo que, em quadros teóricos diferentes, é denominado “exterioridade”. As relações sócio-históricas, que participam da construção dos sentidos dos textos, são abordadas na semiótica de duas formas principais: pela análise da organização linguístico-discursiva dos textos, em especial da semântica do discurso, isto é, de seus percursos temáticos e figurativos, que revelam, de alguma forma, as determinações sócio-históricas inconscientes (ver Fiorin, 1988a, 1988b); pelo exame das relações intertextuais e

interdiscursivas que os textos e os discursos mantêm com aqueles com que dialogam (ver Discini, 2002, 2003).

Para interpretar o texto com um pouco mais de razão e não apenas com emoção, é preciso então: saber ler e entender sua organização discursiva e, principalmente, os temas e as figuras, e a partir daí apreender as determinações ideológicas de quem o produziu, ou melhor, do grupo, camada ou classe a que ele pertence; conhecer os diálogos do texto em questão com outros textos.

## 2.1 Diálogos com outros textos

Uma das estratégias mais eficientes de desmascaramento dos discursos mentirosos de quaisquer tipos é a de apontar os diálogos que eles mantêm com outros textos e discursos. Vejamos alguns exemplos.

O primeiro exemplo é uma notícia divulgada no *WhatsApp* (cf. Figura 1), em que só o diálogo com outros textos pode colocar em dúvida sua verdade:

**Figura 1:** Notícia falsa sobre manifestação na Avenida Paulista em 7 de abril de 2019.



Fonte: WhatsApp.

O caráter mentiroso da mensagem pode ser detectado quando ela é comparada com a mesma foto que foi publicada na primeira página da *Folha de S. Paulo*, no dia 8 de abril de 2019, no dia seguinte, portanto, ao acontecimento, com a seguinte legenda:

Confusão entre apoiadores e críticos de Lula marca atos em São Paulo Mulher é cercada e agredida por homens contrários a Lula; avenida Paulista foi palco de ato em defesa do ex-presidente, cuja prisão completou um ano, e de manifestação para apoiar a Operação Lava Jato e a condenação do petista. (Jardiel Carvalho/Folhapress)

Os dois textos invertem as relações de força e poder: no do *WhatsApp*, a mulher é descontrolada, forte, está armada com um objeto pontiagudo e ataca um homem fraco, por ser idoso; no da *Folha*, a mulher é a parte mais fraca, por ser mulher e estar em minoria (cercada por homens) e é ela a agredida. Em qual dos textos acreditar? É preciso ensinar ao aluno como interpretar, em casos desse tipo:

verificar se os textos são assinados, se têm origem comprovada, se são públicos e se quem os torna públicos assume a responsabilidade da publicação, se estão ancoradas, de alguma forma, em textos que são reconhecidos como verdadeiros e assim por diante. No caso em questão, é fácil diferenciar os dois textos e desmascarar o mentiroso, que é anônimo, divulgado apenas no *WhatsApp*, sem ninguém que por ele se responsabilize.

Pode-se também examinar a organização semântica contraditória entre o verbal e o visual, nessa *fake news*. A estratégia usada foi a de descontextualizar a imagem e dar a ela uma livre interpretação verbal, mais condizente com os valores que o destinador quer comunicar do que com os temas e figuras da imagem apresentada: a mulher é petista (soube-se, depois, em entrevista, que ela não é petista); está alterada (percebe-se que sim, pela gestualidade do corpo e do rosto), mas essa alteração é apresentada como precedente ao estrangulamento por “mata-leão” ou “gravata” que ela sofre e não como consequência dele; ela “parte pra cima de um idoso”, quando na imagem é o idoso que vai para cima dela; o idoso é posto, no texto verbal, como mais frágil do que a mulher, mas a imagem mostra um homem forte e musculoso, com cabelos brancos, e assim por diante.

O segundo exemplo, também com notícia divulgada no *WhatsApp* (cf. Figura 2), em 2019, traz um texto sincrético (ver, sobre texto sincrético, Oliveira e Teixeira, 2009), com visual e verbal, que relata que deputados do PT estariam, no Congresso Nacional, movendo ação e fazendo manifestação contra o 13º salário do bolsa-família, concedido em abril de 2019, pelo presidente Jair Bolsonaro. A parte verbal do texto diz:

Eu vivi para ver o PT ser contra a população pobre.  
PT entra com uma ação para derrubar o decreto de Bolsonaro que permite que o pobre tenha acesso a um Décimo terceiro salário no programa bolsa família.

A parte visual mostra uma fotografia no plenário da Câmara, em que Paulo Pimenta (PT-RS) segura um cartaz amarelo com a frase: “DIGO NÃO AO 13º SALÁRIO DO BOLSA-FAMÍLIA”.

Se procurarmos de novo na internet, vamos encontrar a mesma foto, mas como parte de outro texto e com outra data (cf. Figura 3). A fotografia apareceu em tuíte de 2 de agosto de 2017, do deputado federal Chico D’Angelo (PDT-RJ), em outra situação. Que a foto é de 2017 pode ser facilmente comprovado pela presença nela de Wadih Damous, deputado federal em 2017, mas que não se reelegeu em 2018. Além disso, ao serem comparadas a fotografia do *WhatsApp* de 2019 e a do tuíte de 2017 (Figuras 2 e 3), nota-se a mudança dos dizeres do cartaz amarelo. A mensagem do cartaz que Paulo Pimenta (PT-RS) segura era, em 2017, “VOTO PELOS 8 EM 10 BRASILEIROS QUE EXIGEM A INVESTIGAÇÃO” (de Michel Temer), em lugar de “DIGO NÃO AO 13º SALÁRIO DO BOLSA-FAMÍLIA”.

Os dois textos devem ser comparados para que a mentira seja desmascarada.

**Figura 2:** Fake news sobre ação de deputados contra o décimo terceiro salário no Programa bolsa-família, em 2019.



Fonte: WhatsApp.

**Figura 3:** Fotografia de deputados em manifestação por investigação de Temer, publicada em tuíte de 2017.



Fonte: Tuíte do deputado federal Chico D'Angelo (PDT-RJ), de 2 de agosto de 2017.

Esse exemplo poderia ser usado também para mostrar que o desmascaramento é conseguido também devido a problemas de organização linguístico-discursiva da *fake news*, assunto de que nos ocuparemos mais no próximo item. No texto em análise, podem ser apontados vários problemas, tais como colocar deputado que não fazia mais parte da Câmara ou ter, no fundo da fotografia, a mesa do plenário de 2017, quando a foto foi realmente feita, e que, em 2019, quando a *fake news* diz que a foto foi tirada, não tem mais essa mesma organização. Deve-se ainda explicar aos alunos a principal estratégia discursiva usada na construção da mentira, que, com o diálogo entre os textos e com os problemas de organização encontrados, é revelada. Trata-se da descontextualização, procedimento em que textos verbais e visuais são retirados

de seu contexto e/ou são recontextualizados, como no caso das imagens com novas legendas ou de fotografias antigas, de outras situações e momentos, republicadas como se tivessem sido tiradas no momento da nova publicação.

O último exemplo de como os diálogos entre textos podem contribuir para a interpretação menos emocional e sensorial dos textos mentirosos será dado por outro tipo de discurso fundamentado na mentira, o das falsas revisões do passado e da História. Para o desmascaramento da mentira nos textos de falsa revisão do passado e da História, o conhecimento do diálogo com outros textos é procedimento relevante e quase exclusivo.

A falsa releitura do passado e da História é um dos tipos de discurso baseados na mentira ou na falsidade. Seu papel é o de contribuir para a formação da pós-verdade, para a criação de valores e crenças que sustentem os valores de determinados grupos, camadas e classes e, em última instância, para produzir as condições ou o terreno em que possam germinar outros tipos de discursos mentirosos, como as notícias falsas.

Tomemos como exemplo a revisão proposta pelo chanceler Ernesto Araújo. Como seu grupo prega o nacionalismo intenso, era preciso relacionar o nacionalismo do nazismo e do fascismo não mais à extrema-direita, mas ao comunismo e à esquerda em geral, como o chanceler fez em entrevista dada a um canal do Youtube e divulgada em 17 de março de 2019 pelo *Brasil Paralelo*<sup>1</sup>:

Uma coisa que eu falo muito e é muito uma tendência da esquerda: pega uma coisa boa [o nacionalismo], sequestra, perverte e transforma em uma coisa ruim. Acho que é mais ou menos o que aconteceu sempre com esses regimes totalitários. Isso tem a ver com o que eu digo, que fascismo e nazismo são fenômenos de esquerda.

Em um texto publicado em 2017 em seu blog, Araújo já havia dito que:

Na década de 1920, o socialismo se dividiu em duas correntes, uma que permaneceu antinacionalista, e outra que, para chegar ao poder, na Itália e na Alemanha, sequestrou o nacionalismo, deturpou e escravizou o sentimento nacional genuíno para seus fins malévolos, gerando o fascismo e o nazismo.

Essa revisão do passado pode ser considerada mentirosa se a compararmos com outros textos, tais como: as manifestações do embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel:

é uma besteira argumentar que o fascismo e o nazismo são movimentos da esquerda. Isso não é fundamentado, é um erro, é simplesmente uma besteira [...]. [...] e o estado alemão tem a missão de informar sobre o nazismo para nunca mais deixar nada parecido acontecer na Alemanha ou no mundo.

Ou ainda com as considerações, amplamente consensuais, de historiadores brasileiros e estrangeiros que mostraram ser historicamente incorreto, ou mesmo um absurdo, associar o nazismo a um movimento de esquerda e que, ao dizer isso, o ministro “falsifica a História”, comete “uma fraude intelectual”, “deturpa o passado”, diz um “disparate” e uma “asneira”, realiza um “ato perigoso” para a política externa brasileira. Há, portanto, um debate científico histórico sobre a questão a ser levado em consideração. A escola precisa mostrar ao aluno essa

---

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Y1Nn6ZopMQ>.

discussão científica e histórica que, ao dialogar com a revisão em questão, aponta seu caráter mentiroso ou falso.

## 2.2 Organização linguístico-discursiva dos textos

### a) Composição e estilo

Conforme foi já observado, se o texto for mal elaborado, usar estratégias inadequadas, organizar-se de forma contraditória, não seguir o padrão do gênero ou o estilo de língua apropriado, ele poderá ser “desmascarado” com base nos “desvios” e “erros” de sua composição interna ou de seu estilo. Seguem alguns exemplos.

Um vídeo, divulgado no *WhatsApp*, em 2019, fala-se, longamente, de uma fazenda fantástica, bem cuidada, maravilhosa, de terra boa, em estrada nova e asfaltada, em Tocantins e, no final, mostra a placa enorme, que diz:

Fazenda  
NOSSA SENHORA APARECIDA  
Prop. LULA E FAMÍLIA  
BARROLÂNDIA - TO

Nesse texto, é possível desmascarar a mentira, pela “ingenuidade” de se colocar no gênero placa de indicação de propriedade apenas o apelido ou parte do nome do ex-presidente, de quem se quer mostrar o enriquecimento ilícito.

Outro exemplo é o dos textos atribuídos a escritores, políticos, artistas, cientistas, ou seja, a sujeitos que ocupam a posição de sujeito do saber e/ou do poder. Muitas vezes, pode-se revelar seu caráter mentiroso pelo estilo e pela organização discursiva que não podem ser atribuídos a esses autores. Carlos Drummond de Andrade é uma das vítimas frequentes. A ele foi recentemente atribuído texto tosco e mal elaborado sobre a ditadura. Independentemente da questão temática e figurativa, a composição e o estilo do texto não são os do poeta. A estratégia usada é, sobretudo, a do argumento de autoridade.

### b) Temas e figuras

O último procedimento discursivo de que trataremos é o do emprego de temas e figuras, que determinam ideologicamente os textos e indicam a classe, a camada social, o grupo de que o enunciador do texto faz parte. Dessa forma, os temas e as figuras, ao conduzirem a essa identificação de valores, permitem também desmascarar os textos fundamentados na mentira.

Se um homem público que sempre se manifestou em defesa dos direitos humanos, aparece em um texto dizendo que direitos humanos são direitos dos bandidos, pode-se desconfiar ou mesmo ter certeza de que se trata de *fake news*. Isso ocorre com frequência e essas pessoas, quando tomam conhecimento do ocorrido, fazem desmentidos e tentam processar quem lhes atribuiu valores que não são os seus. Isso aconteceu, por exemplo, com Marieta Severo, em janeiro de 2018. O texto “Os erros de Luís!” (Sic), com uma série de críticas a Lula, foi a ela atribuído e circulou no *WhatsApp*. O texto é apresentado como um desabafo de uma ex-petista e usa muitas estratégias para fazer crer que é de autoria de Marieta

Severo: o tom triste de quem está desiludida, a separação entre o Luís e o Lula, assassinado pelo Luís. Ao mesmo tempo, porém, mostra desconhecimento dos valores e estilo do ator da enunciação Marieta Severo, ao dizer, por exemplo:

Como você errou Luís (Sic)...Errou ao perder um dedo [...]! Errou ao elogiar Chaves, Evo, Maduro, errou na manipulação...[...] Quem sabe, em sua arrogância insana, você até se sintia feliz.... Afinal você vai em cana! E cana é tudo o que você sempre quis!

A atriz sempre se disse de esquerda e os valores do texto não são, portanto, os seus. Além disso, ela é usuária de um estilo linguístico culto e não erraria, por exemplo, o nome do ex-presidente ou usaria de forma exagerada e inadequada os pontos de exclamação. Suas escolhas temáticas e figurativas e seu estilo tampouco permitiriam que fizesse piada com o dedo mutilado de Lula e com sua prisão ou o chamasse de arrogante e de bêbado, ou ainda recriminasse os “elogios” a Chaves e a Evo. Nesse caso, foi muito fácil desmascarar a mentira. Essas estratégias de interpretação precisam ser discutidas com os jovens alunos.

Nas *fake news* que examinamos, um dos temas recorrentes é o da oposição entre riqueza e pobreza. Aparece, por exemplo, na notícia falsa sobre a fazenda de Lula e na da Ferrari de ouro de Lulinha ou do enteado de Maduro, na Venezuela, todas divulgadas no *WhatsApp*. A análise mostra que não se trata do tema da desigualdade social ou do da luta de classes, mas do da “má” riqueza, obtida com o dinheiro público, que, por sua vez, se bem usado teria acabado com a pobreza no país, resolvido os problemas de saúde e de educação. Essa “má” riqueza opõe-se à “boa” riqueza, a dos que têm, por exemplo, esse direito por herança, por já terem nascido ricos. Assim, no texto sobre a fazenda de Lula, a existência no Brasil de uma fazenda “fantástica” e enorme, de um latifúndio, não é problema, pois o destinador acreditava ser a “boa” riqueza. A questão está no fato de ela “pertencer” a Lula e, portanto, só poder ter sido obtida com “dinheiro roubado”. Daí a indignação, no texto, daquele que trabalha e come “arroz puro com batatinha”. Ficam claros o grupo social e os valores e interesses de quem apresenta o vídeo, o que ajuda a desmascarar a mentira.

Veja-se parte do texto verbal do vídeo sobre a fazenda de Lula:

Uma fazenda que realmente chama a atenção, certo? Terra de boa cultura. Quanto a isso, tudo OK. Maravilha pura. [...] Aí do outro lado, fui olhar para prestar atenção porque eu gosto de fazenda. Olha só, pasto muito bem formado, invernadas extensas, é uma fazenda que realmente chama a atenção. [...] Do outro lado, vou ligar o celular para vocês verem, tem uma moitinha de gado, bonito ali. Mas eu gostaria que vocês prestassem atenção nessa placa. Olha só! Leiam direito. Aí eu fiquei indignado. Será de quem que é? Será que é do tratador de elefante mesmo? Será que é do larápio?

A figura do “tratador de elefante” diz respeito ao filho de Lula que, formado em Ciências Biológicas, trabalhou no zoológico de São Paulo. Jair Bolsonaro, quando deputado federal, referiu-se a ele, em discurso de 17 de outubro de 2012, como “limpador de estrume de elefante”.

A “má” riqueza é figurativizada principalmente, no vídeo da fazenda, pelos benefícios recebidos com dinheiro público, tais como a estrada asfaltada, o bom acostamento e assim por diante: “Imensa fazenda, invernadas extensas, Br-153, zero bala. Acostamento maravilhoso, tudo novo. Olha só: depois do acostamento do

asfalto, tem acostamento de cascalho, zero bala”. No da Ferrari, por hotel de luxo, por cassino em Monte Carlo, por hotel em Dubai, por Ferrari banhada de ouro, por dinheiro roubado. Já a pobreza é, na maior parte dos textos, figurativizada pela comida pouca e simples ou mesmo pela falta dela e pelo povo indiviso:

- no vídeo da fazenda:

Nós paramos aqui para fazer um almocinho porque fica todo mundo pelejando pra vida e não tem dinheiro nem pra comer no restaurante. Então a gente carrega uma panelinha, faz uma (?) embaixo da chuvinha e cozinha um arroz puro com batatinha para a gente jogar no estômago.

- na notícia da Ferrari:

El hijo de Celia Flórez mujer de Maduro saliendo del casino de Montecarlo... Ferrari en baño de oro y el pueblo Venezolano sin comida.

Lulinha, filho de Lula, foi filmado saindo de um hotel em Dubai com uma Ferrari banhada de ouro comprada com dinheiro roubado do povo.

Para concluir, repetimos que os estudos linguísticos e discursivos podem mostrar aos alunos os procedimentos para a boa interpretação dos discursos veiculados na internet, sobretudo, e para o desvelamento dos discursos mentirosos. E insistimos que só com teorias do texto e do discurso podemos contribuir para o desenvolvimento de conhecimento sobre os discursos fundamentados na mentira e para tornar nossos alunos bons leitores dos textos, sobretudo, dos meios digitais, e adequados interpretantes dos discursos que os rodeiam e muitas vezes sufocam. E não podemos fazer isso sem a escola.

## **Considerações finais: mentira e ódio na política e na sociedade**

As notícias falsas, os textos mentirosos, as revisões do passado e da História são estratégias para desqualificar e acusar os inimigos, os oponentes, os diferentes, aqueles que não fazem parte do grupo ou da nação homogeneamente construída nesses discursos, e seus encaminhamentos nas redes sociais procuram persuadir o destinatário, que é apresentado como parte do grupo ou da nação, a tomar partido nessa luta:

*FILHO DO LULA COM UMA FERRARI DOURADA NO URUGUAI! E VOCÊ VAI FICAR PARADO? VAI DEIXAR ISSO ACONTECER NA SUA FRENTE? E NÃO VAI FAZER NADA? COMPARTILHE ESSE VÍDEO E VAMOS MOSTRAR AO BRASIL QUEM É O LULA E SUA FAMÍLIA!*

Divulgue sem dó.

Ajude a viralizar.

Mande para vinte pessoas.

Quero 1 milhão de compartilhamentos, meus amigos.

O movimento só deve parar quando todos forem expulsos. Vamos ficar dia e noite de vigília! O país vai parar. Os caminhoneiros também vão parar e vamos participar juntos. Todo brasileiro por um só país!!!

Pelo fato de terem, em boa parte, a finalidade de difamar, ofender e desqualificar certos grupos na sociedade, dizendo deles que são antipatrióticos, vagabundos, ladrões, fracos, as notícias falsas apresentam características dos discursos preconceituosos e intolerantes, dos discursos do ódio, tal como definimos neste artigo.

O ódio resulta da interpretação pelo intolerante de que o sujeito odiado não cumpriu certos contratos sociais e é culpado pelos males que o intolerante e a sociedade de que faz parte sofrem. As mentiras nas notícias falsas e nas revisões absurdas da História procuram apontar aqueles “maus cidadãos” que, no quadro de valores do destinador-produtor das mentiras, não são ou não foram fieis aos contratos e devem ser, portanto, odiados e temidos pelos danos que causaram e ainda causam e punidos com ações intolerantes de vingança.

Todos os textos que aqui aproximamos por suas características discursivas são, portanto, discursos do ódio e desencadeadores de ações discriminatórias. Daí esse mundo de mentira e de ódio, em que estamos vivendo hoje, e que precisa ser desmascarado pelo ensino-aprendizagem na escola. A escola, com o conhecimento adquirido pelos estudos da linguagem e do discurso, pode ensinar os jovens alunos a bem interpretar os textos e a desmascarar aqueles que são fundamentados na mentira, e também a ter vergonha de mentir, de odiar e de discriminar.

## Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Preconceito e separatismo no discurso: um discurso separatista gaúcho. *Organon*, 23, 1995. p. 199-204.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uso de termos estrangeiros no português do Brasil: imagens do outro e de sua língua. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho (orgs.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Acadêmica, 2004. p. 203-220.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A identidade intolerante no discurso separatista. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 9, 2008a. p. 147-167.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Discurso, indivíduo e sociedade: preconceito e intolerância em relação à linguagem. In: NAVARRO, Pedro (org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008b.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Preconceito e intolerância em gramática do português. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.) *A fabricação dos sentidos*. Estudos em homenagem a Izidoro Blikstein. São Paulo: Humanitas, v. 1, 2008c. p. 339-363.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. *ALFA. Revista de Linguística*, 53 (2): 35, 2009. p. 13-64.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. (org.). *Preconceito e intolerância*. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Emoções e paixões nos discursos: perspectiva semiótica. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua portuguesa*. Aspectos linguísticos, culturais e identitários. São Paulo: Educ, 2012. p. 91-105
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Política e intolerância. In: FULANETI, Oriana; BUENO, Alexandre Marcelo (orgs.). *Linguagem e política: princípios teórico-discursivos*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71- 92.

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. *CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada*, n. 13, 2015. p. 13-31.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. (org.). *Margens, periferias, fronteiras: estudos linguístico-discursivos das diversidades e intolerâncias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016a.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 58, 2016b. p. 7-24.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Intolerância e ensino. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua portuguesa e lusofonia: história, cultura e sociedade*. São Paulo: Educ, 2016c. p. 195-210.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Indo-europeu, Linguística e ... racismo. *Revista da USP*, n. 14, 1992. p. 104-110.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Linguistique, Indo-Européen et Racisme. *Cahier International du Centre D'Études et de Documentation de la Fondation Auschwitz*. Bruxelas, 2002. p. 85-98.
- DISCINI, Norma. Intertextualidade e conto maravilhoso. São Paulo: Humanitas, 2002.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988a.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988b.
- FIORIN, José Luiz. Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. *Cruzeiro Semiótico*, nº 16, 1992. p. 55-63.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo, Discurso/Humanitas, 2001. (original francês de 1998).
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975 (original francês de 1970).
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II*. São Paulo, Nankin, EDUSP, 2014. (original francês de 1983).
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Contexto, 2008. (original francês de 1979).
- HARKOT DE LA TAILLE, Elizabeth. Ensaio semiótico sobre a vergonha. São Paulo: Humanitas, 1999.
- LOTMAN, Iúri. Semiótica dos conceitos de “vergonha” e “medo”. In: Iúri Lotman et alii. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa: Horizonte, 1981. p. 237-240.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (orgs.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004.
- ZILBERBERG, Claude. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim, 2006.
- ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. *Galáxia*, 13, 2007. p. 13-28.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

BARROS, Diana Luz Pessoa de  
*Some reflections about the role of linguistic and discursive studies  
in teaching and learning in school*  
*Estudos Semióticos*, thematic issue  
“Contributions of Semiotics and other theories  
of text and discourse to teaching”  
vol. 15, n. 2 (2019)  
issn 1980-4016

---

**Abstract:** *In this paper we discuss the role of linguistic and discursive studies, particularly the study of discursive semiotics, in teaching and learning practices. We show that some of the knowledge developed in discursive semiotics about intolerance in and of language, about the constitution of acceptance speeches, contrary to prejudicial and hateful ones, and mainly discourses about the truth and lie in texts is a good path to deal with these matters in schools. The main reason for this is that, in order for there to be acceptance of social differences, in order for social and discursive change to have great impact, in order for children and teen to learn how to read internet text and discern the lie behind most of them, it is paramount that this body of knowledge lead to critical thinking, because, without schools, expected discursive and social changes simply do not happen or do not have the desired impact.*

**Keywords:** *discursive and linguistic studies; discursive semiotics; teaching/learning at school; prejudicial and hateful speeches; fake and untrue speeches; reading internet texts.*

---

### Como citar este artigo

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 1-14. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) . Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 31/07/2019

Data de aprovação: 15/09/2019

---